



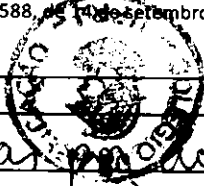
QUESTÃO 1. No Brasil, com a promulgação da Lei n° 10.639/2010, o ensino de História da África, de literaturas africanas de língua portuguesa e de cultura e literatura afro-brasileira tornou-se obrigatório no Ensino Básico.

O PNLB (Plano Nacional do Livro Didático) passou a exigir dos autores, ~~assim~~ como ~~de~~ editoras que participam dos preços oficiais, a inclusão, nos livros didáticos destinados a todas as séries escolares, desses conteúdos definidos por força de lei.

No Ensino Fundamental II, a inclusão de lendas, mitos, poemas, contos africanos procura criar uma familiaridade nos alunos com as culturas e os textos literários africanos. Nesse sentido, o contato gera uma experiência multicultural, uma vez que a África é um continente e não um único país. É sempre importante ressaltar esse aspecto, visto que cada país, cada etnia, cada comunidade situada em África possui uma cultura e uma produção literária diferente da outra. São, portanto, literaturas africanas de língua portuguesa, no plural, e não no singular.

Decorrente da cooptação e assimilação da língua do colonizador, ~~de~~ legado da secular experiência colonial portuguesa. Posteriormente, foram deprimidas suas subjetividades, passando de literaturas ultramarinhas, como eram conhecidas em Portugal na época da colonização, a literaturas dos PALOP (Países Africanos de língua Oficial Portuguesa), já como nações independentes no final do séc. XX, Angola, Moçambique, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Guiné-Bissau.

O ensino dessas literaturas no Fundamental II tem sido bastante profícuo, resultando experiências valiosas. Desenvol-



vidas docentes formados por IES (Instituições de Ensino Superior) que oferecem as disciplinas correspondentes às culturas e literaturas de LP (Língua Portuguesa), as aulas são bem recebidas, em geral, pelos alunos que percebem similitudes e diferenças no uso da "língua" comum a esses países, desde que falantes de uma pretensa "LP".

Infelizmente, até hoje, há IES que não oferecem formação com o conteúdo exigido por lei. Portanto, ao profissional de Letras sente-se despreparado para lecionar o conteúdo nos ensinos Fundamental II e Médio.

Algumas secretarias estaduais e municipais de educação pelo Brasil agora têm oferecido cursos de capacitação e até de especialização em cultura e literaturas africanas. Além disso, muitos docentes procuram incrementar seus salários, quando têm plano de carreira, especializando-se em cursos de pós-graduação em literaturas africanas.

No Ensino Médio, as literaturas africanas estão legadas ao terceiro ano. Isso fica patente em muitos livros didáticos destinados a esse segmento. Geralmente, são apresentadas em um apêndice do livro.

Por sua localização, muitas vezes ficam sem ser trabalhadas pelos docentes ou por falta de tempo, ou por despreparo da(o) profissional de literaturas.

Essa situação tende a mudar com a reforma do Ensino Médio, imposta pelo Ministério de Educação, no ano passado. Com a ~~nova~~ reestruturação da grade curricular, na qual apenas LP e Matemática são disciplinas obrigatórias à repartição de áreas de estudo,



O ensino de Literaturas Africanas perdeu seu caráter obrigatório. As implicações ainda são desconhecidas, uma vez que o período de adaptações da Instituição de Ensino é de cinco anos a partir da promulgação da reforma. Com isso, o que era uma promena de divulgação e de intercâmbio da literaturas, restou só incentivada.

QUESTÃO 3: O texto literário possui elementos constituintes que o diferenciam do texto não-literário. Esses elementos variam conforme a linha teórica dos autores e pesquisadores da Teoria da Literatura. Em geral, são a complexidade, a polêmica, a intertextualidade, entre outros.

Esses elementos, quando trabalhados no Ensino Fundamental II, são apresentados em diferentes séries, adaptando-se à capacidade de aquisição de conhecimento e de desenvolvimento de competências comunicativas dos alunos.

É da combinação entre denotação (sentido literal) e conotação (sentido figurado) que decorre a significação integral de uma forma linguística. A distinção entre ambas vincula-se às funções da língua em geral e, portanto, na parcela de significado das palavras associadas às funções emotiva e conotativa. A conotação se relaciona assim com o universo cultural do destinatário. A leitura interpretativa dos textos vincula-se conseqüentemente ao repertório e conhecimento do leitor.

Além disso, a conotação depende de vários outros fatores como: de dinâmicas fônicas do vocábulo, que podem impressionar por seus aspectos harmônicos ou cacofônicos; da associação entre palavras de um determinado

campo remântico, ou entre frases usuais e frequentes; de a palavra usada ~~em~~ no texto integrar um determinado uso especial da língua, como a gíria ou a própria linguagem literária; de situar-se entre arcaísmos ou regionalismos; de serem marcas de estilo individual ou coletivo; de denotação, com que se combina na interação que confere significado a uma forma linguística.

Todas as possibilidades citadas são panóides de atividades escritas e orais a serem propostas aos alunos. Jogos em que a substituição de vocábulos com a finalidade de nova produção de sentidos, levem os alunos a descobrirem os neologismos, por exemplo. Ou ainda propor ~~uma~~ a leitura de um texto em que haja gírias ultrapassadas e pedir que sejam substituídas por novas.

No sistema de significação das palavras, em termos de estrutura, a conotação resulta da relação de dois planos: um plano da expressão e um plano do conteúdo, como proposto por Louis Hjelmslev e Roland Barthes.

Observe-se que essa proposição amplia os conceitos saussurianos de significante e significado. A conotação apresenta-se quando, na relação entre significante e significado, o plano da expressão é constituído de um sistema de significação já dada.

Vale dizer que a conotação, um dos principais elementos constituintes do texto literário, acrescenta notas de senso à carga significativa, inerente ao código denotativo, mas aberta às regras articulatórias desta última.

A exemplo disso, destaca-se o uso de figuras de linguagem, que podem ser trabalhadas nos anos finais do ensino Fundamental II (EFII). As figuras permitem ressaltar aos alunos aspectos que a linguagem assume, visando, com finalidade expressiva, do valor linguístico normalmente aceito, em função do uso do idioma.

A língua admite também, na direção da expressividade, figuras de sintaxe ou de construção frasal e figuras de pensamento. As primeiras alteram a ordem usual da frase com sua sequência de sujeito, verbo, complementos e adjuntos. Já as figuras de pensamento resultam de uma discrepância entre o verdadeiro propósito da enunciação e sua expressão formal.

Cabe ressaltar que, ao trabalhar ainda nos anos finais do EFII, o docente deve ~~selecionar~~ ~~destacar~~ destacar os abusos danosos em caso de aspectos enfemáticos negativos gerados de "bullying", seja em atividades escritas, seja em orais. O caráter denigratório sempre propicia situações embaraçosas entre alunos.

A relevância da dimensão conotativa ajuda a compreender a polinemia do texto literário. Por outro lado, se varia em função das circunstâncias, justifica a interpretação na medida em que podem contribuir para a ampliação do horizonte de leitura.

Sugere-se o trabalho com textos vinculados ao universo cultural das séries escolares, dadas as diferenças individuais e sociais.

A complexidade do texto literário envolve a produção intelectual e a criação artística. Esse duplo envol-

mentos implica valores espirituais e valores estéticos relativizados por determinadas visões de mundo.

A complexidade alia-se a multissignificância. É a dimensão também conhecida como plurissignificativa que possibilita as mais variadas interpretações do texto literário. Conforme o passar dos anos escolares, o objetivo é ampliar essa capacidade interpretativa, decorrente de textos <sup>cada vez</sup> mais complexos.

Finalmente, a intertextualidade deve ser apresentada, como definiu Julia Kristeva, para quem o discurso literário abrange um diálogo de ~~diversos~~ textos, um cruzamento de superfícies textuais, um diálogo de várias vozes: a de quem escreve, a do ~~autor~~ destinatário (ou da personagem), a do contexto atual ou anterior. Ele se converte, portanto, num mosaico de citações e envolve a absorção e transformação de outros textos conscientes ou inconscientemente absorvidos pelo leitor.

Atividades com gêneros textuais diferentes, mas com conteúdo semelhante e intertextual são bastante proveitosas nas séries iniciais do EFTJ, por exemplo, um texto narrativo em comparação com uma história em quadrinhos.

QUESTÃO 2: O ensino das literaturas Africanas de língua Portuguesa, no ensino médio, é, geralmente, ministrado no terceiro e último anos. A forma de apresentação repete o modelo historiográfico das literaturas Portuguesa e Brasileira. Entre tanto, pela escassez de espaço destinado às Africanas, a seleção textual gira em torno de poemas e contos, poucos excertos de romances, figu-

nam nos livros didáticos.

Além disso, a escolha dos autores muitas vezes é feita baseada na internacionalização da produção literária. Como muitos autores publicam seus livros em Portugal, devido à escassez de editoras em seus países de origem, visto que há cada vez menos falantes dessa língua oficial, aqueles que assinam contratos com editoras multinacionais ganham mais visibilidade. Todos têm em vista o mercado brasileiro, já que é o maior mercado consumidor entre os países de língua oficial portuguesa no mundo.

Esse é o caso do moçambicano Mia Couto, ganhador do prêmio Camões em 2013, maior honraria literária patrocinada pelo Brasil, Portugal e os PALOP (países africanos de língua oficial portuguesa). O autor tem uma profunda produção literária. Comparado ao mineiro Guimarães Rosa, que reconstruiu literariamente o dialeto dos sertões das Minas Gerais, por meio de uma construção sintática fracionada e criados neologismos, Mia Couto também recheia seus romances, contos e poemas de "palavras novas" e outras advindas de línguas também oficiais moçambicanas, que aparecem num glossário ao final dos livros.

Trabalhar com as obras mineiro-moçambitanas é sempre um grande prazer. Suas histórias são transposições do universo mágico da cultura de Moçambique que encantou tantos poetas, entre os quais o nome Tomaz António Gonzaga, de portado como punical pela participação na Inconfidência Mineira, em 1792, e que lá viveu até a sua morte.

Mia Couto reinventa muitas histórias da tradi-

cas da literatura oral moçambicana. O autor se traveste de contador de histórias para encantar seu público leitor. Grande conhecedor das técnicas narrativas, Mia Couto parte sempre da seleção vocabular para criar novos sentidos a velhas construções sintáticas. É por isso que ele brinca com as palavras, incluindo neologismos que podem ser meras substantivações de verbos reflexivos como composições por justaposição.

É um trabalho refinado que pode ser apresentado no ~~o~~ curso do conteúdo de estrutura / formação de palavras. ~~Defenda~~ nas aulas, após a seleção de alguns vocábulos que podem também não ser neologismos, o docente pode apresentar o processo de composição / formação como aglutinação e justaposição, além dos processos de derivação: prefixação, sufixação, derivação imprópria. Ao selecionar verbos dos textos miacoutianos, pode-se propor a análise da estrutura, destacando a raiz, a vogal temática, as desinências moodo-temporal e as número-personal, formadores de paradigmas na regularidade dos verbos. Ou ainda analisar verbos irregulares e defectivos, mostrando que a ausência de paradigmas faz com que crianças em idade de aquisição de linguagem, nos primeiros anos de vida, não sejam capazes de "regularizar" tais verbos, motivo de graça para os pais, que não percebem a gramática internalizada, com que todo o ser humano nasce.

⊛ derivação paramorfemas.